



Em cima, Powers Boothe (o engenheiro) e a ex-Miss Filipinas em ação; embaixo, Charley Boorman



Lendas e cascatas da selva

Chega ao Brasil o filme que
John Boorman rodou em Belém
sobre nossos índios e matas

pré-estréia

Um engenheiro americano chega a Belém, com a família, para orientar os trabalhos de construção de uma barragem. Logo em seus primeiros dias no Brasil, ao fazer um piquenique na beira da Floresta Amazônica (!), seu filho Tommy, de uns oito anos de idade, é raptado pelos índios. A barragem demora 10 anos para ficar pronta. Durante todo este tempo, o engenheiro vai dividir sua vida entre o trabalho e a tarefa de procurar o filho na floresta.

É claro que é um filme. Mas, por incrível que pareça, inspirado em fato real. Esta história persegue o cineasta inglês John Boorman (diretor de **Amarco Pesadelo** e **Excalibur**) há uma década. A notícia de jornal relatando o drama real foi mostrada a ele por seu roteirista Rospo Pallemberg. Nela, o engenheiro encontrava o filho perdido. Mas preferia deixá-lo com a tribo que o adotou e que se tornara sua verdadeira família. Boorman nunca quis pesquisar o fato verídico. Preferiu apostar na fantasia e, no ano passado, desembarcou em Belém para filmar **A Floresta das Esmeraldas** (*The Emerald Forest*). O resultado foi visto em **prêmiere** mundial no encerramento do último Festival de Cannes. Já foi lançado na Europa e nos Estados Unidos com boa carreira comercial e boa acolhida da crítica. Um dos membros da equipe brasileira, o autor da trilha sonora Carlos Homrich Jr, é constantemente citado como candidato ao próximo Oscar. No final da semana que vem, enfim, os brasileiros poderão conhecer o Brasil de Boorman com a estréia do filme em circuito nacional.

Não adianta muita expectativa. Mais uma vez prevalece o exotismo. Mais justificável ainda numa história que trata de índios e Amazônia. **A Floresta das Esmeraldas** é apenas mais um filme de aventuras. Daquelles dos velhos tempos com índios bons e índios maus travando contato com brancos bons e brancos maus. Mas a história maniqueísta de Boorman é, principalmente, um pretexto para se exibir uma Amazônia que ainda não tinha sido mostrada pelo cinema. Quase irreal de tão bonita.

"Cinema é detalhe e tudo que se passou na frente e atrás das câmeras sai como que refletido na tela quando o filme fica pronto", acredita Roberto Faissal Jr, que fez as fotos de cena do filme, elogiando o fotógrafo Philippe Rouselot. A fotografia de Rouselot, aliás, é das maiores responsáveis pela carga exótica que o filme transmite.

Exotismo por exotismo, Boorman tem aproveitado para explorar os trópicos em suas entrevistas no exterior. ◊

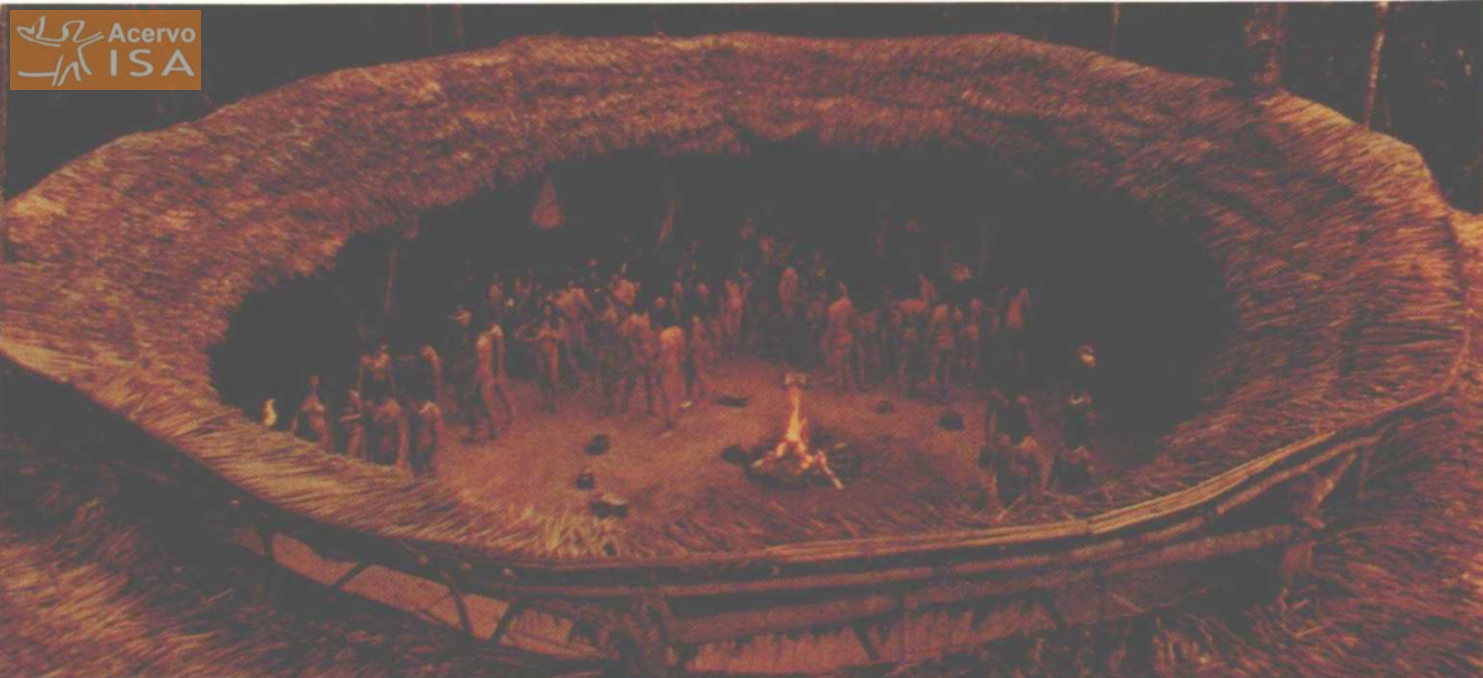


Fotos de Roberto Faissal Jr e Art Filmes

Os ritos tribais foram recriados por José Possi



Uma visão paradisíaca da vida indígena



A taba onde vive o "povo invisível" foi criada em estúdio

"Na tribo onde estive para as pesquisas, uma reserva chamada Xingu, o chefe, Takuma, tinha uma visão muito clara das pessoas", contou à revista francesa *Première*. "Ele me fez compreender um monte de coisas que me ajudaram a fazer o filme. O personagem do pai-índio de Tommy é muito inspirado nele".

O pai-índio de Tommy é vivido por Ruy Polanah, ator facilmente encontrável nas noites do Baixo Leblon. Como ele, quase todos os outros 134 atores que formavam as tribos nunca pisaram numa reserva indígena. Foram arregimentados pelo diretor de teatro José Possi até entre alunas do Teatro Tablado. "Foram nove meses de trabalho pesado. Além de arregimentar os artistas, tive que fazer o trabalho de corpo com gente que não era nem índio, nem ator, nem bailarino", conta Possi. "Levantei o repertório de movimento para dança o mais próximo possível daquele dos indígenas". Quando assistiu ao filme, Possi ficou decepcionado. "Na edição, o lado da dança dançou. No ritual de iniciação de Tommy — que foi um trabalho difícil de dança com o ator — só ficaram movimentos que parecem de macumba".

Quem interpreta Tommy é Charley Boorman, filho do diretor. Louro de olhos claros, ele convence como o menino americano criado entre os índios. E apesar de o elenco só contar com uma dezena de índios originais — assim mesmo aculturados — nenhum espectador estranha ver uma ex-Miss Filipinas (trazida pelo próprio Boorman para as filmagens) vivendo uma desinibida integrante do "povo invisível", os índios bons da fita. Estranhas mesmos são as descrições de Boorman de sua experiência no Brasil. "Numa tribo, não existe mentira", tem ensinado aos europeus.



Boorman está preocupado: "As pessoas não têm consciência da gravidade que representa o desmatamento da Amazônia"

Boorman tem divulgado seu orgulho em realizar um filme em locais "onde nenhum ser humano tinha posto os olhos". Sua equipe brasileira, porém, acha a expressão um pouco exagerada. **A Floresta das Esmeraldas** foi filmada, em parte, em Parati e em Itatiaia. E as cenas tomadas na Amazônia não foram muito afastadas de grandes centros. "Nos 45 dias em que trabalhei no filme, a gente trabalhou numa reserva florestal da Embrapa, a meia hora de Belém", conta a figurinista Lucia Cunha, que já tinha participado de outra visão exótica do Brasil quando filmou com Stanley Donen a comédia *Blame It on Rio*. "A taba da tribo principal foi feita em estúdio", conta José Possi. "Estivemos

num lugar mais aprofundado na floresta Amazônica, mas não teve nenhum lance de perigo. No máximo, uns rastros de onça", acrescenta ele.

Os dois ficaram com a mesma visão do cineasta. "Achei-o interessante, instigante", atesta Possi. "Da equipe inglesa, era o mais inteligente", continua Lucia. "É um obsessivo e excelente diretor de atores. Além disso, muito gentil." Mas Lucia também se decepcionou com o filme nas telas. "É bem-feito, bem-acabado, mas tem uma escoregada. No final, o branco é quem tem o poder de salvar. Acho que passa um colonialismo velado muito perigoso. É um pouco como Cousteau procurando o boto cor-de-rosa."

Boorman deixa claro no filme sua preocupação com a devastação da Amazônia e com o desaparecimento dos índios: "A beira do mundo está cada vez mais perto", constata o pai-índio de Tommy quando consegue avistar as obras da barragem. E, propositalmente, o cineasta realizou um filme de aventuras que não é melodramático ao tratar dos personagens e chega a ser frio nas cenas de ação. "Quis tratar o problema de forma objetiva", justifica. "Não queria que o público ficasse com pena dos personagens. Meu desejo é que a plateia perceba o problema daquela floresta. As pessoas não têm consciência da gravidade que representa o desaparecimento da Amazônia, para os que vivem lá e para nós. Antes de ser um deserto, o Saara também foi uma floresta."

Verdade seja dita, em termos de preocupação com a Amazônia, é a maior superprodução já realizada. O ator Mário Borges, que interpreta um engenheiro que quase não aparece na montagem final, ficou impressionado com a chuva artificial que os técnicos estrangeiros prepararam em estúdio para as cenas finais. "E isto logo em Belém, onde chove de verdade todo dia."